

SOBRE UMA ESCRITA “LEVADA DA BRECA”: LEITURAS DA POESIA DE LUÍSA DUCLA SOARES

João Manuel Ribeiro

joaomanuelribeiro30@gmail.com

Sara Reis da Silva

(IE-Universidade do Minho)

sara_silva@ie.uminho.pt

Luísa Ducla Soares (LDS) (Lisboa, 1939) é uma das mais originais autoras portuguesas no campo da criação literária preferencialmente dedicada à infância. Com mais de uma centena de títulos publicados – lembramos que o seu centésimo livro, *O Livro das Datas*, veio a lume já em 2009 –, dedica-se, desde 1972, a escrever narrativas, predominantemente contos, pontualmente texto dramático e, com muita frequência, poesia, quer a partir da recuperação de textos poético-líricos da tradição (apresentados na forma de coletânea ou compilação ou servindo como matriz inspiradora, tanto do ponto de vista estrutural/formal, como temático), quer criando composições que, genericamente, pelo humor, pelo *nonsense* e pelo ritmo, permitem a sua consideração como uma das vozes mais especiais no domínio em causa. É, pois, sobre a poesia que incidirá este breve ensaio, uma abordagem que se centra num *corpus* textual mais ou menos restrito, mas que cremos exemplificativo de algumas das singularidades da escrita poética da autora homenageada.

Com efeito, a poesia possui um espaço ou um lugar muito relevante na produção literária de LDS. A este título, talvez faça sentido recuperar/relembrar aqui algumas palavras escritas pela autora ou um breve depoimento sobre as leituras

da sua infância, disponível no portal da Casa da Leitura: «Foi o meu pai quem despertou em mim o gosto pelas palavras, pela literatura, numa afetuosa partilha, por via da oralidade. Ele sabia de cor lengalengas, versos jocosos, trava-línguas e muita poesia.» (Casa da Leitura).

É este alimento poético que aqui é evocado, esta herança e reinvenção do tradicional, consubstanciado na utilização predominante de quadras, das redondilhas (maior ou menor), da rima cruzada, pobre e de refrão, que reconhecemos, por exemplo, quer em *A Nau Mentireta* (1992), quer num elevado número de poemas patentes em *A Gata Tareca e Outros Poemas Levados da Breca* (1990), apenas para citar dois exemplos.

Esta última, uma coletânea composta por mais de duas dezenas de textos poéticos que refletem algumas das mais apelativas tendências da escrita de LDS, bem como algumas das vertentes comuns da poesia de potencial destinatário infantil, é talvez um dos melhores exemplos da memória literária que LDS guarda. O humor, o *nonsense*, os jogos de palavras e de fonemas ou os diversos paralelismos (fónicos, sintáticos e estruturais), as marcas de narratividade, a forte presença animal, a oscilação entre o sentido denotativo e o sentido conotativo, os esquemas reiterativos e dialógicos, por exemplo, sustentam estes divertidos poemas, muitos deles herdeiros da tradição oral e de formas como os trava-línguas (por exemplo, «Três Tristes Tigres»), as lengalengas (por exemplo, «Vamos contar» ou «Os números do menino mau») ou outras rimas infantis (por exemplo, «Os Ovos»).

Também na coletânea *Arca de Noé* (1999) se observa a ativação e/ou recuperação de mecanismos similares aos que acabámos de aludir. A capa e, muito particularmente, o título

de *Arca de Noé* (1999) anunciam o protagonismo da figura animal, aspeto temático nuclear que acaba por se confirmar nos vinte e seis poemas centrados, como se diz na contracapa, em «toda a espécie de bicharada: grande, pequena, selvagem, domesticada, meiga, endiabrada.»

Sendo o destinatário preferencial de *Arca de Noé* a criança, não é de todo estranho que, nos textos poéticos que aí se encontram reunidos, sejam notórios, ao nível temático, a «forte presença do animal» (Gomes, 1996: 44), que mencionámos, e um irresistível humor, nascido do *nonsense* e do paradoxo, como, aliás, é comum na escrita para os mais novos desta autora. Releia-se, por exemplo, o poema «A Casa dos Bichos»:

«Quem está no telhado?

Um gato assanhado.

Quem está na janela?

Uma pata amarela.

Quem está na varanda?

Um ursinho panda.

Quem está à porta?

O burro na horta.

Quem está no jardim?

Um lindo pinguim.

Quem está no poço?

Um cão com um osso.

Quem está no portão?

Um bicho que fala

Chamado João.» (Soares, 1999: 9)

Os ecos das rimas infantis que aqui encontramos verificam-se, igualmente, no texto «Quem é ela?», pela evidente analogia que aí se presente com as adivinhas:

«É uma jovem
Muito engraçada,
Não usa roupa
Não usa nada.

É uma jovem
Mas nada fraca,
Come ao almoço
Quase uma vaca.

É uma jovem
Com lindos dentes,
Toda lourinha,
Nunca viu pentes.

É uma jovem
Bem elegante.
Mas mete medo
Ao elefante.

- Não me apresentas
Essa pessoa?
Claro que sim:
É a leoa!» (*idem, ibidem: 7*)

É, ainda, interessante notar que esta coletânea de Luísa Ducla Soares evidencia uma arquitetura muito especial, quase circular, a sugerir a exclusividade temática dos textos, visto que o poema de abertura e o poema conclusivo possuem o mesmo título, «A Arca de Noé», expressão que dá também título ao livro.

Resgatando algumas palavras de José António Gomes, *Arca de Noé*, de LDS, constitui um «salutar exercício de humor, imaginação e inteligência» (Gomes: 2000, 26).

O cómico, muitas vezes sustentado pela linguagem e pelos jogos que esta proporciona, distingue igualmente a coletânea poética *Abecedário Maluco* (2004). Composta por vinte poemas, esta obra de LDS, embora tenha como primeiro e como últimos poemas dois “abecedários malucos” – o primeiro «de Nomes» e o último «de Apelidos» –, tem ainda espaço para textos que testemunham, uma vez mais, alguns dos traços que diferenciam a escrita poética preferencialmente destinada aos mais novos a que esta autora nos tem habituado.

Se, do ponto de vista formal, encontramos, em *Abecedário Maluco*, composições poéticas que seguem de perto algumas estruturas da lírica tradicional (com o predomínio da quadra e da rima cruzada, por exemplo), as temáticas que aí são versadas apresentam-se profundamente atuais, sendo propostas no já habitual tom humorístico e coloquial e piscando, portanto, o olho ao leitor, que acaba por (se) reconhecer com surpresa nalguma coisa do que lê. Veja-se, por exemplo, «Poemas às Notas», texto no qual se brinca com os significados plurais da palavra “nota”:

«Sem um euro pedi notas,
Ontem à noite, aos meus pais.
Deram-me notas e notas,
mas só notas musicais.

Mandaram-me tirar notas
e ter atenção na aula.
Fui preso por roubar notas
da minha colega Paula.

Hoje vou receber nota
do ponto de português.
Com ela vou jantar fora
ao restaurante chinês...» (Soares, 2004: s/p).

A ludicidade que observamos em muitos poemas da coletânea em análise revela-se através de diversos jogos de palavras e de fonemas e, ainda, na construção “nonsensical” que caracteriza alguns textos. Nalguns casos, torna-se evidente a influência dos trava-línguas e das canções populares, como acontece, por exemplo, em «A Volta a Portugal... na asneira», «Canto» e em «Papagaio»:

«No canto da quinta
o melro cantava
um canto no canto
que me encantava.

O canto voava
pelos cantos das casas
e os cantos parados
ficavam com asas.» (*idem, ibidem: s/p*).

De modo similar, ou seja, ativando uma série de mecanismos de carácter lúdico, em *Poemas da Mentira e da Verdade* (1983, uma primeira edição, e 1999, em versão definitiva e aumentada), coexistem dois olhares contrapostos sobre a realidade (materializados na própria estrutura da coletânea), tipificados em vinte e dois poemas em torno da mentira, entendida como imaginação, fantasia, *nonsense*, e outros tantos em redor da verdade, onde prevalece a análise objetiva e a crítica social. Mentira é, assim, sinónimo de irrealidade e verdade é sinónimo de realidade. Na caracterização de uma e de outra, perpassa o humor e os jogos de semântica, capazes de arrancar sorrisos, mas também de desafiar o pensamento e conduzir a novas posturas.

Na «canção da mentira» (p. 4) há um «menino do contra / [que] queria tudo ao contrário» (p. 5), «uma «Serra da

Estrela / para serrar uma cadeira» (p. 6), um «abecedário sem juízo» (p. 7), o casamento de «um cigarro / com uma cigarra» (p. 8), «uma galinha / para te dar uma dentada» (p. 9), «uma casinha / de chocolate» (p. 10), um menino a prometer que vai «comer / pelo umbigo» (p. 10), um rei, «chamado Gonçalo, / passava a vida / montado num cavalo» (p. 11), dez meninas casadoiras (p. 13), um penico atirado em resposta ao pedido de um beijo (p. 15), sete perguntas bem «perguntadas» (p. 15), uma «panela com asas» (p. 17) e «tudo de pernas para o ar» (p. 17).

No «canto da verdade», há um jardineiro cavando (apesar de que «quem vê as flores que lá estão / não pensa[r] no jardineiro» (p. 20), «um metro de terra / [a] custa[r] um conto e tal» (p. 20), um grito que ensina «que se fica sempre a perder, / mesmo que os generais / ganhem as guerras» e se fica a saber que «o planeta / pede paz»; que alguém, apesar de ter duas pernas ainda não conhece a gente da sua rua (p. 23); se fica a conhecer um pai «com os olhos cansados, / os dedos gretados, / os pés doridos, / os sonhos moídos» e que oferece o sorriso (p. 25); onde se diz que «a união faz a força» pelo que «se os homens de paz / se fossem juntar / mas que grande exército / iriam formar. // E por sobre a terra / e por sobre o mar / então é que as guerras / iam acabar» (p. 32).

Já nos poemas de *A Cavalinho no Tempo* (2003), talvez mais notória do que esse impulso lúdico que acabámos de sugerir relativamente aos volumes revistos, parece ser a intenção de formular uma certa denúncia/crítica social.

Considerada já⁸ como uma das melhores coletâneas poéticas preferencialmente destinada aos mais novos editada

8 Cf. Recensão acerca desta obra in Gomes, 2004: 28.

no ano de 2003 – e para a sua qualidade contribuem, de forma determinante a composição visual da autoria da premiada Teresa Lima –, *A Cavalo no Tempo* abre com o poema breve que dá título à obra (“A Cavalo no Tempo”), texto que acaba por introduzir o leitor, desde logo, num espaço poético no qual se encontram temáticas como a infância vs. adulez e o passado vs. presente. É precisamente entre o passado e o presente que se estrutura o poema “Antigamente”, um texto marcadamente humorístico no qual o sujeito poético, depois de se referir a Adão e Eva, a Jesus, à Virgem Maria, a Dom Afonso Henriques, à Rainha Santa, a Vasco da Gama, a Luís de Camões e ao Marquês de Pombal, interpela diretamente os jovens insatisfeitos e descontentes do presente, um tempo preenchido com um número interminável de coisas inexistentes na vida das figuras evocadas.

Aliás, este segundo poema não é o único a recuperar e a poetizar, quase sempre também num certo tom cómico / satírico, elementos do nosso tempo. É o que acontece, por exemplo, logo na abertura do poema «A Pesca» – «- Não pesques mais nesse rio, / ó meu velho pescador. / Vem pescar na Internet / com o meu computador.» (Soares, 2003: 4) – ou, ainda, em «O Hipermercado»: - Queres um gelado? / Não estejas maçado, / que tudo se compra / no hipermercado.// Queres sapatos? / Não estejas maçado, / que tudo se compra / no hipermercado.// Queres um brinquedo? / Não estejas maçado, / que tudo se compra / no hipermercado.// - Quero um amigo / para ter ao meu lado. Onde há amigos / no hipermercado?..» (*idem, ibidem*: 10).

Refira-se, ainda, que não estão, igualmente, ausentes dos textos poéticos contidos em *A Cavalo no Tempo* criativos jogos de palavras e de fonemas, regra geral, de feição

reiterativa e aliterativa. Releia-se, a título exemplificativo, o poema «P de Porto»: «O Porto com suas pontes / o Porto com suas pedras / seus painéis pintados nas paredes / suas praças de paz / seus produtos / seus passeios / seus pardais. / O Porto com seu Povo / que plantou a palavra Porto / no princípio de Portugal.» (*idem, ibidem*: 15).

Paralelamente ao tópico da crítica/denúncia social, constata-se, ainda, a tematização de questões como a ecologia ou a proteção ambiental, afigurando-se esta linha como uma das mais versadas por LDS, já que perpassa não apenas a sua poesia, mas também diversos textos narrativos. O álbum poético *O Mar* (2008), por exemplo, substantiva precisamente essa atenção/preocupação com o ambiente:

«Este é o mar / onde os barcos viajam, / os peixes moram / os golfinhos saltam, / as baleias lançam repuxos, / as crianças nadam, / os jardins são de coral / e sabem a sal. // Este é o mar / que se esgota em esgoto / se lixa em lixo, / o das marés negras, / das redes de arrasto, / dos rastos de sangue, / dos cemitérios nucleares, / dos muitos azares. // Este é o mar. / Quem é que entende a canção das ondas? (Soares, 2008).

Livro que, logo num primeiro olhar, se distingue pela sobriedade cromática e pela pormenorização da componente ilustrativa – as ilustrações são da autoria de Pedro Sousa Pereira – e do próprio texto poético que se estende fragmentariamente pelas suas páginas, *O Mar* testemunha, simultaneamente, a intensidade lírica da poesia da autora, bem como o carácter lúdico (refletido nos jogos vocabulares e fonéticos) ao serviço da materialização de um dos seus veios ideotemáticos mais significativos: a crítica. Tendo como

matéria apenas um poema, este livro é uma espécie de hino ao mar em que cabe também, porém, a referência àquilo que de menos “solar” este guarda. O eufórico e o disfórico coexistem neste texto, refletindo-se quer na própria estrutura externa (duas oitavas), quer no campo semântico / lexical que domina cada uma delas. Se, na primeira estrofe, o mar é o espaço dos barcos, dos peixes, dos golfinhos ou dos jardins “de coral”, por exemplo, na segunda, é o espaço dos esgotos, do lixo e até dos “cemitérios nucleares”, por exemplo. Repare-se que mesmo as opções vocabulares da primeira estrofe – na qual se destaca o recurso a formas verbais actanciais (viajam, saltam, nadam, etc.) – sugerem dinamismo e sinalizam o carácter vital do espaço marítimo. O dístico final lança um desafio ao leitor, interpelando-o diretamente e procurando talvez despertá-lo (responsabilizá-lo?) para a referida ambivalência e, em particular, para as consequências nefastas de um certo alheamento face a questões ecológicas e de proteção ambiental, linha ideológica, aliás, comum a outras obras da autora (refira-se, apenas a título exemplificativo, a coletânea póstuma *O Planeta Azul*). A componente visual desta publicação, além de traduzir a arquitetura semântica e graficamente dual do texto poético, ganha novos efeitos pelo recurso e pela associação a uma disposição gráfica dos caracteres próxima da escrita concreta, visual ou experimental, gerando-se, assim, efeitos espaciais e óticos muito significativos. Na verdade, as ilustrações, ricas em detalhes que recriam elementos marítimos (barcos, faróis, ondas, peixes e até navegadores), seguem, de modo fiel, a temática central do poema, estendem-se por páginas duplas e parecem orientar a disposição do próprio texto verbal, quebrando a linearidade natural do registo linguístico. A oscilação entre a limpidez dos

tons azuis e verdes e a opacidade dos cinzas e castanhos deixa, assim, transparecer a duplicidade ideológica que encerra a mensagem do discurso poético.

Igualmente editada em 2008, a obra *O Planeta Azul*, como o título indica, sugere uma viagem «à terra que habitamos, que é a nossa casa. Tão conhecida e tão ignorada, [que] consegue sempre deslumbrar-nos e fazer-nos refletir», como deixa registado o texto da contracapa.

Em trinta e três poemas, com estruturas formais variadas, mas onde predomina a quadra, LDS faz-nos visitar o planeta terra, querendo interpelar o potencial leitor com questões pertinentes, críticas e algumas sugestões. O tema geral da coletânea, em nosso entender, encontra-se inscrito no segundo poema do livro, intitulado “Canção da Terra”, em particular, na pergunta «A Terra é nossa, quem vai permitir / que alguém se lembre de a destruir?».

Em termos temáticos, detetamos três isotopias que se entrecruzam e se misturam num misto de desalento e de esperança: em primeiro lugar, a do louvor e do enaltecimento da natureza, das coisas e do mundo, como é o caso do poema «Louvor» («Louvado seja / De norte a sul / O Planeta azul») a que podemos juntar tantos outros, como «Lua», «Os quatro elementos», «Poema verde», «Primavera à janela», «Outono», «O cão e o rio», entre outros; em segundo lugar, a identificação de tudo o que no planeta não é belo pela ação nefasta do homem, como se observa nos poemas «Planeta Azul» (poema de abertura), «Andorinhas da Primavera», «Gaivotas» e «Vamos ao Centro Comercial»; finalmente, em terceiro lugar, e decorrendo da anterior, uma incisiva chamada de atenção ao leitor (enfatizada pelo uso da segunda pessoa do singular) numa tentativa enérgica de o implicar e lhe reclamar

escolhas concretas e pessoais, tantas vezes contra a própria educação familiar, como é manifesto no poema «Vamos ao Centro Comercial», ou contra hábitos enraizados, como se mostra no poema «Escolha» («O Sol nascia / e tu ficaste a dormir»). E tudo isto porque «Sem ti, / por tão pouco, / o mundo ficaria oco» (último poema), e porque a Terra, «Ela é a nossa casa, / a vossa, a minha e a tua!» (poema «A nossa terra»).

As ilustrações de Gisela Miravent são figurativas e, apesar de simples e sem grande elaboração técnica, ajustam-se ao conteúdo do livro, preenchendo pequenas manchas da página e reiterando, de certo modo, a mensagem ecológica do texto.

Algumas considerações ainda acerca de um conjunto de livros, todos compostos por poemas breves ou por quadras. Evidenciando uma preocupação lúdica e/ou pedagógica na abordagem de alguns conceitos básicos, como as letras, os números, as cores e o tempo, *ABC, 1,2,3, Cores* e, ainda, *Antes, Agora e Depois*, respetivamente, são dedicados a pré-leitores/leitores iniciais ou aos leitores em idade pré-escolar, facto que se torna mais evidente se atendermos à inclusão de estrofes de extensão reduzida, em oposição às medidas consideráveis ou à amplitude das imagens que as acompanham, bem como à concisão vocabular e ao grau de concretismo do léxico selecionado. Contribuí, ainda, para esta “fixação” do destinatário extratextual destes pequenos volumes a estrutura repetitiva patente em cada estrofe e, mesmo, nas diversas estrofes que se vão sucedendo, sendo todas elas construídas a partir de um esquema paralelístico anafórico. A título exemplificativo, releiam-se, por exemplo, os versos centrados nas cores azul e verde: «Aqui está o azul / do céu, / do mar, / dos

olhos claros, / do periquito, amigo do Miguel.» (Soares, 2002: 3); «Aqui está o verde / da relva, / do crocodilo, / da árvore, / do papagaio, amigo do Miguel.» (*idem, ibidem*: 10).

Para sintetizar e para concluir, importa reafirmar que, na poesia de LDS, se observa a presença reiterada de núcleos semânticos como os animais, a crítica/denúncia social e a ecologia/ambiente. Pressente-se, pois, a cada instante, uma profunda preocupação humanizante, ética e cívica, bem como uma tendência crítica e questionadora e, até, contestatária, corporizadas, muitas vezes, num conjunto de gestos criativos assentes na diversão e/ou no humor. E tudo isto testemunha, em última instância, a modernidade (além da sensibilidade e da inteligência) que distingue e que garante a qualidade da poesia de LDS.

Referências bibliográficas

AA.VV. (2001). CRILIJ – *Boletim do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e a Juventude*, Nº 1, novembro de 2001 (monográfico sobre Luísa Ducla Soares).

BASTOS, Glória (1997). «Luísa Ducla Soares: a escrita/ leitura como jogo» in *RILP - Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Nº 17, julho de 1997, Associação das Universidades de Língua Portuguesa pp. 80-85.

FLORENCIO, Violante (2001). «O Elogio da Diferença na obra de Luísa Ducla Soares» in *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude)*, abril de 2001, pp. 3-8.

FLORENCIO, Violante (2005). «A Poesia para Crianças de Luísa Ducla Soares: fazer de gente divertida gente crescida» in *No Branco do Sul as Cores dos Livros. Actas dos Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens (Beja, 2001 e 2002)*. Lisboa: Caminho, pp. 187-203.

GOMES, José António (1996). «Poesia portuguesa para crianças e jovens: algumas poéticas recentes» in *Poesia, Coleção «uma pequenina luz bruxuleante...»*, Porto: Civilização, pp. 42-57.

GOMES, José António (2000). «Arca de Noé» in *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude)*, Nº2, p. 26.

GOMES, José António (2004). «A Cavalinho no Tempo, de Luísa Ducla Soares e Teresa Lima» in *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude)*, Nº 13, dezembro de 2003-junho de 2004, p. 28.

SOARES, Luísa Ducla (1983). *Poemas da Mentira e da Verdade*. Lisboa: Livros Horizonte (Ilustrações de Paula Amaral) (2ª ed. – 1999, versão muito aumentada, ilustrações de Ana Cristina Inácio; 3ª ed. – 2005; 4ª ed. – 2007; 5ª ed. – 2010).

SOARES, Luísa Ducla (1990). *A Gata Tareca e Outros Poemas Levados da Breca*. Lisboa: Teorema (2ª ed. – 2000) (Ilustrações de João Pedro Bessa).

SOARES, Luísa Ducla (1992). *A Nau Mentireta*. Porto: Civilização (ilustrações de Manuela Bacelar).

SOARES, Luísa Ducla (1999). *Arca de Noé*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Pedro Leitão).

SOARES, Luísa Ducla (2001). *1, 2, 3*. Lisboa: Terramar (2ª ed. – 2003; 3ª ed. – 2006) (Ilustrações de Pedro Leitão).

SOARES, Luísa (2002). *Cores*. Lisboa: Terramar (Ilustrações de Pedro Leitão).

SOARES, Luísa Ducla (2003). *A Cavalinho no Tempo*. Porto: Civilização (ilustrações de Teresa Lima).

SOARES, Luísa Ducla (2004). *Abecedário Maluco*. Porto: Civilização (Ilustrações de Joana Alves).

SOARES, Luísa Ducla (2005). *Antes, Agora, Depois*. Lisboa: Terramar (Ilustrações de Pedro Leitão).

SOARES, Luísa Ducla (2008). *O Mar*. Lisboa: GataFunho (Ilustrações de Pedro Sousa Pereira).